

DISCURSO SOBRE OS 90 ANOS

Senhor Presidente, Confrades e Amigos, Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Serei breve. Quando se chega aos 90 anos, pouco há o que dizer, tudo já foi dito. Assim mesmo há sempre um último agradecimento a se fazer. E por isso tomo o uso da palavra.

Filho de mãe espírita, nunca esperei chegar a esta idade tão avançada. Pela doutrina Kardecista, quanto mais cedo se morresse, melhor seria: sinal de que o espírito pouco teria de penar nesta vida, pouco ou nada teria para reparar e sofrer em busca de depuração de pecados passados. Imagine-se agora o espírito de um homem que necessitou de 90 anos pelo menos para se depurar!

Chego a 90 anos assustado, perplexo e surpreso. Minha querida mãe, tão ortodoxa, faleceu aos 46 anos, meu pai, aos 67 e meio. Diriam os geneticistas, que esta longa vida já estaria nos genes, que eu a trouxe do berço, berço este que está cada vez mais longe e o sepulcro cada vez mais próximo. Depois de muito meditar e de pensar, é esta a minha idéia fixa: esqueceram-se os geneticistas do acaso, do imprevisto. No primeiro quarto do século XIX, já escrevia Bichat, vitalista francês, que "*a vida é um conjunto de funções que resiste à morte*". Nada mais certo. Vivemos cercados de morte por todos os lados.

Embora respeitando o Kardecismo de minha mãe, como todo ser humano procurei viver, viver o melhor possível, evitando as forças que

poderiam destruir a vida. E o acaso fez o resto. Desde as primeiras letras, dirigi-me para o estudo, para a vida do espírito, para o conhecimento. Sempre vi na descoberta intelectual a mesma emoção da descoberta física, da descoberta geográfica ou planetária. Jamais me interessei em fortuna material, mas não a ponto de esquecer o valor do dinheiro, dos bens materiais. Escreveu um economista americano: "*Dizem que o dinheiro não compra tudo, mas você já experimentou comprar alguma coisa sem dinheiro?*".

Não enriqueci, moro em apartamento de fundos, sem paisagem, mas dentro dele convive comigo o maior bem da vida: minha mulher (com que sou casado há 60 anos), os meus filhos, os meus netos e meu bisneto. Lá também se encontra a minha biblioteca, que, como uma despensa dispõe de tudo que precisei ou preciso na minha vida intelectual. "*Si bibliothecam habes, nihil deest*" (Se tens biblioteca, nada te falta). Formado em Direito e em Filosofia, fiz dois vestibulares diferentes. Além de um doutorado, submeti-me a três concursos nas duas Faculdades: "Direito e Sociologia". Publiquei cerca de 50 livros, entre grandes e pequenos.

Finalmente, aos 70 anos, elegi-me para esta Academia, na qual servi como 2º Secretário por 8 anos, como Secretário Geral por 1 ano e meio, substituindo o Presidente mais de uma vez.

Num sábado nublado de maio de 1998 fui assaltado em pleno calçadão da Avenida Atlântica e operado duas vezes (1998 e 2001), com prótese total do fêmur direito. Eis aí o acaso, como uma bala perdida, que

modificou totalmente a minha vida: um antes e um depois. Até hoje faço fisioterapia. Com motivos clínicos diversos, a verdade é que nunca mais voltei a esta Academia, na qual completei 20 anos na última segunda-feira, 4, dia de São Francisco de Assis, o santo que mais se assemelha a Jesus, segundo Afrânio Peixoto.

E agora, aos 90 anos, já bem próximo do fim, vejo-me ainda com o problema religioso sem solução final. Segui o conselho de Pascal: comece ajoelhando, a fé virá depois. Continuei seguindo o conselho de Pascal, com preces diárias: "*Consola-te. Tu não me procurarías, se já não me tivesses achado*". Mas nada me calou tão fundo como a exclamação, quase como um grito de emoção, do Padre Fernando Bastos de Ávila na missa de corpo presente de Anah de Mello Franco, falecida 40 dias após o seu marido, o saudosíssimo Afonso Arinos de Mello Franco. Em meio à prece, quase chorando, disse Ávila: "*Não viveria nem mais um minuto, se não tivesse certeza da imortalidade da alma*". Naquele momento, trocava a admiração por esta fé inarredável do Padre Ávila por toda a admiração por sua cultura e saber.

Já diziam os antigos: "*Senectus est morbus*". Vive-se mais, é verdade, mas a qualidade de vida não é a mesma. Se o "*caráter é o destino*", segundo se atribui a Sófocles, se há uns idosos que ainda mantêm projetos de vida e planos, há outros que se voltam para o passado como única realidade de sua vida. Anatole France (sou da geração que o lia), que morreu aos 80 anos em 1924, pregava que a

juventude devia vir no fim, para o bom uso da experiência adquirida ao longo dos anos.

Felizmente, nesta Academia os idosos, salvo raríssimas exceções, entre as quais me incluo, ainda se voltam para o futuro, são prospectivos, para quem cada dia que passa é um dia a mais de vida e não de menos.

Devo um sentido agradecimento a todos os Acadêmicos que apoiaram esta Mesa Redonda à minha propecta idade de 90 anos, especialmente aos que dela estão participando. Eis aí outra demonstração do acaso na vida humana: a contemporaneidade. Não fomos contemporâneos de Pedro Álvares Cabral, nem de Pedro II, mas tivemos a ventura de ser contemporâneos entre nós, de convivermos, de participarmos dos destinos da mesma época. Isto tanto pode ser um motivo de afeto, como de desafeto. Todos desta Academia são meus amigos, a todos estendo a minha mão, com maior ou menor afeto e carinho. Quero dar este aperto de mão, este abraço apertado aos queridos amigos desta Mesa Redonda pela bondade e boa vontade que acabaram de praticar, dizendo coisas a meu respeito exageradas e quase não verdadeiras. A tanto leva a amizade!... Fizeram-me até esquecer os 90 anos que tanto me preocupam e assustam.

Deixo-lhes uma última advertência, como retribuição: façam rapidamente o que projetam fazer, o tempo vai ficando cada vez mais curto, e se não se chegou ainda, felizmente, à falência múltipla dos

órgãos, já se está chegando ou vivendo a concordata múltipla dos órgãos....Tudo depende dos credores, que nos estão cobrando.

Rio, 08/10/2004.

Evaristo de Moraes Filho